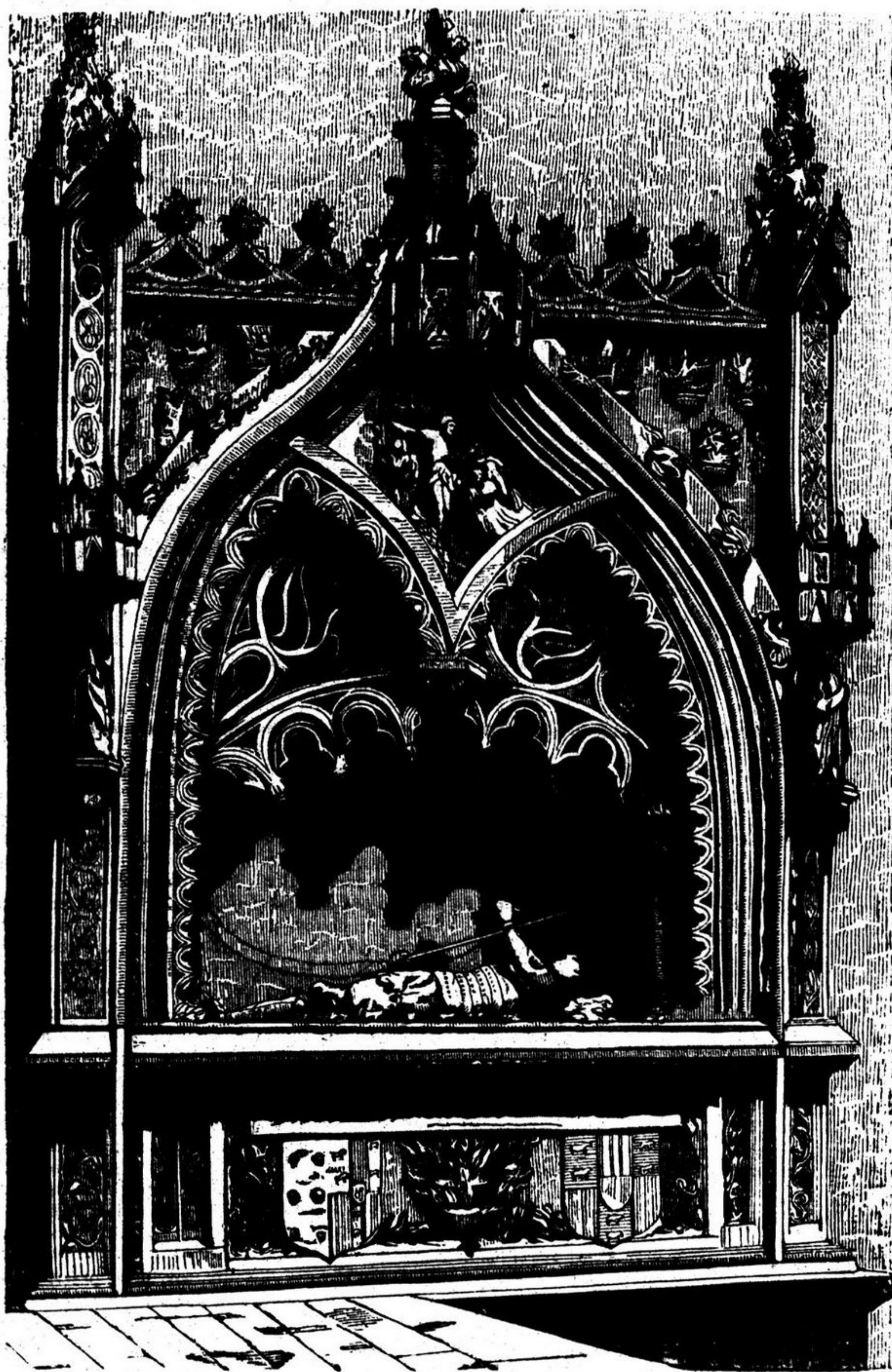




TUMULO DE D. DUARTE DE MENEZES.

VOL. IV.—3.ª SERIE.

SETEMBRO 15, 1855.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

TUMULO DE D. DUARTE DE MENEZES.

Em todo o reino talvez se não depre mais formoso specimen de architectura tumular que o monumento representado na estampa, erigido pela condessa de Vianna, D. Isabel de Castro, á memoria de seu marido o illustre D. Duarte de Menezes, esclarecido tronco dos senhores condes de Tarouca, primeiro capitão de Alcacer Ceguer, que depois de obras prodigiosas façanhas, perdeu a vida, para salvar a do rei D. Affonso V, combatendo valorosamente na serra de Benacójó.

No meio do soberbo sarcophago está a figura do heroe deitado, e vestido de armas brancas, empunhando a espada.

Cumprê, porém, advertir que o esplendido monumento não contém os despojos do grande capitão, mas sómente, em um pequeno vão, um dente, que a referida sua esposa tinha guardado.

Admira-se esta soberba amostra de architectura na igreja do extincto convento de S. Francisco de Santarem, onde tambem se encontram outros preciosos tumulos.

A estampa, executada pelo sr. Coelho, como todas as gravuras publicadas n'este semanario, dispensa-nos de fazer mais miuda descripção.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS (1).

(LISBOA — SECULO XVI).

I.

No meio da moderna sociedade, profundamente agitada pelo desejo de inquirir tudo, e saber tudo, e onde todos pensam e fallam emittindo voto a respeito de tudo, não pôde ninguém guardar profundo silencio; que fôra isso pouco menos do que um delicto. Se fallecem cabedal de luzes e tempo para grandes commettimentos litterarios, o remedio é fazer o que eu faço: limitar o tributo da palavra e os pruridos ou as velleidades de escriptor a pequenos e insignificantes trabalhos, a brevissimos apontamentos de canhenho. E não ha de, por isso só, ingeitar-se a qualquer collaborador, e desagradecer-se-lhe a oblata sincera e generosa.

Bem humilde, e sem importancia parece ser a occupação de britar e amontoar pedra junto á estrada, que uns projectaram, e outros fazem transitavel; e comtudo o britador de pedra é um obreiro, obscuro mas benemerito, da civilisação, da riqueza e prosperidade dos povos.

Escrever, pois, artigos, ou apontamentos volantes, adequados pelo menos para tirarem d'apuros o compaginador de qualquer periodico, é uma cousa que tem suas parecenças com britar pedra. As typographias, na ordem litteraria, como as estradas na ordem economica, são um instrumento de permutação, um agente da riqueza intellectual e moral da sociedade.

Mas podem dizer-me, que apinhoar as columnas

(1) Accedendo aos nossos rogos. o sr. João Maria Nogueira, antigo collaborador d'este semanario, não podendo desde já proceder a certas averiguações e estudos, que julgava indispensaveis para dar ao trabalho que nos havia promettido sobre a Lisboa do seculo XVI todo o desenvolvimento desejavel, teve a bondade de nos enviar para serem publicados a serie de artigos que hoje começamos. Com serem simples apontamentos, como lhes chama o auctor, cremos que o leitor encontrará n'elles informações e noticias mui curiosas, e que difficilmente acharia em outra parte.

d'um hebdomadario, mais recreativo do que scientifico, com cifras estatisticas, séccas e duras como o cascalho do *macadame*, e de mais a mais cifras *fosséis*, é o mesmo que levantar nas villas e aldeias do reino um espantinho á timidez do leitor, e dar em terra com a empresa. Não o nego, antes o confesso boamente. Mas, já que vim a este ponto, seja-me licito dizer duas palavras á conta de desculpa.

Os periodicos não têm, é natural que não tenham, não devem ter só leitores apaixonados do romance e da poesia. D'elles, creio eu, uns são velhos, outros moços; uns, tendendo e recuando sempre para o passado, não vêem na sociedade e nas suas instituições, por mais vetustas que sejam, rugas que as afeiem; outros, esvoaçando e pairando sempre pelas regiões da idealidade, sofregos do futuro, cuidam, talvez, que todas as instituições antigas se metamorphosearam, como os cabellos de Medusa, em serpentes, que podem petrificar o encanto que olha para ellas; uns desilludidos das bemaventuranças terrestres que imaginaram, e que viram fugir-lhes, como a agua dos labios sedentos de Tantaló, sentem, de ha muito, apagados no coração todos os fogos da mocidade; outros, rejuvenecendo na ebriedade delirante dos triumphos, marcham, talvez, de conquista em conquista, esquecidos de que amanhã abdicarão o sceptro d'uma realzação tão fugaz, como as esperanças e juramentos de lealdade, em que se ella funda.

D'elles, uns, acostumados ao concerto e harmonia de pensamento, ao intuito moral que caracteriza os Fencelon, Bernardin de Saint-Pierre, e Aimé-Martin, sympathisarão menos com as paginas, por mais brilhantes que sejam, de qualquer livro onde suspeitem o producto d'uma inspiração multiplice, uma volubilidade apaixonada de romancista; outros, porventura, porão de parte, até, a propria «Allemanha» da sr.^a de Stael para embeberem a alma, toda, no «Dom João» ou no «Fausto», porque Byron ou Goethe poderia modelar-lhes melhor a ambição dos gosos sensuaes, que os allucina, ou a vaidade do talento que os ensóberbece.

D'elles, uns... mas para que hei de eu continuar?

Como cavouqueiro litterario que sou, não pertenço a uns nem a outros; não tenho nem peço voz activa nem passiva nas questões da arte ou da sciencia. Leio o primeiro livro ou papel que me vem á mão, porque não leio senão fortuitamente, e—ainda mal—para matar tempo.

Se o acaso me depara, por exemplo, no Panorama o «Conde Soberano de Castella» é o mesmo que topar com um thesouro immenso de preciosidades, com um monumento magestoso, cujas magnificencias intimam ao meu coração o culto do bello. Mas o meu enthusiasmo não diminue, quando o poeta e economista, perfumada a imaginação por fragrantissimas flores colhidas nos vergeis de Lerma, me conduz a um banquete do seculo X. Sem ser gastrônomo, sinto luzirem-me os olhos pelas inguias de Valencia, pelas trutas d'Alberche, pelos arenques de Bermeo, pelas deliciosas lampreias de Sevilha e Alcantara, pelos delicados salmões de Castro de Ordiales, pelas saborosas lagostas de Santander, pelas passas d'Alicante, laranjas de Tangere, limões doces de Fez, tamaras de Tunes, romãs de Granada, figos do Algarve, uvas de Schiraz, amoras de Murcia, e amendoas de Ibi.

Quando vejo no «Monge de Cister» o doutor Matter-Galla-Asinipedes, tentando como em jogo de cebra-cega, e esbarrando em todas as paredes, em vespas de levar nas pousadeiras dous pontapés do bés-

teiro, confesso que, ainda que esteja sósinho, desato a rir ás gargalhadas. Ao contemplar o monge, estremeço como se, para comprehender bem a sublimidade da tormenta, me puzessem no meio da solidão immensa dos mares, e eu visse inovelarem-se e enfurecerem-se as ondas que haviam de tragar-me. No íntimo terror dos grandes infortúnios e desconcertos que angustiam o coração de Fr. Vasco, ha um prazer mysterioso, indefinivel, que enleia e arrebatava o espirito, quer este conheça e aprecie, quer ignore ou desame as divinas manifestações da arte.

São para mim, já se vê, summamente interessantes as paginas que me abalam tanto, mas declaro que o são igualmente as do mesmo livro quando deparo ali com o numero de palmos que tinha a Rua Nova, formosa rua da Lisboa antiga, ou com o numero de almuinheiros de Val-verde, tecelões, vidreiros, calafates da Ribeira, e outros mestreaes, que iam na procissão de Corpus-Christi.

Não sei qual inveje mais aos auctores d'estes livros, e aos de outros semelhantes: se o conhecimento dos factos, que foram desentranhar dos riquissimos jazigos da historia, e que depois facetaram e poliram, como pedras preciosas que ficariam sem valor e perdidas debaixo do pó dos archivados?—se o talento, essa potencia de manifestação, que, por assim dizer, os divinisa?

Que decidam os litteratos: se o sentimento val mais do que os conhecimentos, a poesia, a arte mais do que a sciencia. Por mim admiro ambas; mas desejára notas e mais notas demonstrativas da exactidão das descripções que encontro em taes livros. Se essas notas fundissem volumes, tanto melhor. Se não os comprassem as mulheres, compral-os-iam os estatistas, principalmente agora, que elles vão surgindo por ali em cardumes, e por tal signal que vão fazendo á sciencia tão maus tractos, que a obrigam (coitada!) a desatinar em quasi tudo, em que a mettem.

Releve-me o leitor a diffusão inutil e enfadada d'estas linhas, já que não póde agradecer-me a novidade que lhe dei de que só o illitterato póde, nas suas leituras, conciliar a esthetica e a estatistica.

(Continúa.)

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA IV.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS DA PATRIARCHAL.

7 de junho de 1787.

Atroadores repiques de sinos, bellicoso arruido de tambores, e agudos toques de trombeta me puzeram fóra da cama ao alvorecer o dia. Segundo o grau de devoção que possuis acho que não ignorareis que é hoje o dia da festa do Corpo de Deus. Estava meio disposto a ficar em casa folheando uma curiosa collecção de chronicas portuguezas que o grão prior d'Aviz me mandára; porém tinha ouvido maravilhas taes da esperada procissão que não pude resistir a tomar algum incommodo afim de presenciar-la.

Todos se haviam posto em movimento antes que eu sáisse, e as ruas do suburbio onde habito, bem como as da cidade que segui encaminhando-me á sé patriarchal, estão inteiramente desertas; parece que passou um ramo de peste pela grande praça do commercio e os estabelecimentos mercantis e fiscaes da bolsa e casa da India, porque até os vadios, os var-

redores de ruas, e mesmo os mendigos na ultima phase da decrepitude abalaram manquejando para o logar da scena. Só ficaram nas ruas desamparadas uns poucos de miseraveis cães vagabundos e estropeados, e não vi nas janellas individuos humanos, á excessão de meia duzia de creanças tinhosas choramingando porque os deixaram em casa.

O borborinho da multidão apinhada á roda da patriarchal ouvia-se muito antes de lá chegar avançando difficultosamente entre as fileiras dos soldados formados em ordem de batalha. Ao voltar um angulo escurecido pela sombra dos altos edificios do seminario contiguo á patriarchal descobrimos as casas, lojas e palacios, convertido tudo em pavilhões, forradas d'alto a baixo de damasco encarnado, tapeçarias, cobertores de seda e colxas de franjas reluzindo com ouro. Julguei achar-me no meio do acampamento do grão-megol, tão pomposamente descripto por Bernier. Em especial a frontaria do templo estava armada com toda a sumptuosidade; esta fachada levanta-se de um espaçoso adro de lanços de escadaria, que estava coberto de archeiros da guarda real com suas ricas fardas multicores, e d'uma infinidade de padres trazendo luzidas e diversas bandeiras de seda pintada; rebanhos de frades macilentos, de habitos brancos, pardos, e pretos, vinham saindo de envolta e successivamente, como bandos de perús levados ao mercado.

Demorando-se fastidiosamente esta parte do espectáculo religioso, aborreci-me, e deixando o balcão onde estavamos mais á vontade, entrei na igreja. Celebrou-se missa pontifical com pompa magestosa; subiam ao ar nuvens de incenso, numerosos cirios faziam rutilar mais os diamantes da custodia elevada pelas tremulas e devotas mãos do patriarcha.

Antes de acabada a cerimonia, ganhei a minha janella para gosar da plena vista da procissão do Sacramento. Tudo era espectação e silencio no povo. A guarda real se enfileirou de ambos os lados do adro em frente da porta da igreja; e por fim um chuveiro de flores annunciou que se aproximava o patriarcha trazendo a custodia debaixo de um rico pallio, cercado dos grandes da còrte, e precedido por uma longa serie de personagens mitrados, de mãos postas em acto de oração, com suas vestes purpureas roçando pela terra, trazendo os seus assistentes os baculos e outras insignias da dignidade prelatia.

A procissão desceu vagarosamente os degraus do adro ao som dos canticos e do rebombo distante das salvas d'artilheria, sumiu-se n'uma larga rua, toda decorada de luzidas armações, e deixou-me os sentidos enleados e os olhos offuscados, como se acabasse de despertar de uma visão de esplendor celestial. N'este momento tenho a cabeça azoïnada e os ouvidos a zunir com a bulha confusa dos sons, sinos, vozes, echos dos tiros de canhão prolongados pelos montes e diffundidos pela superficie do Tejo.

CARTA V.

CASA DE CAMPO E BANQUETE DE MR. S***

A DONZELLA TRAGICA.

11 de junho de 1787.

Hoje fomos convidados a jantar no campo, na quinta de um cavalheiro, que tem uma carga de nomes, os quaes pronunciados com o mau accento portuguez soam como uma expectoração.

O nosso agasalhador hospedeiro é irlandez de origem; gaba-se de uma estatura de 72 pollegadas, pro-

porcional largura de costado, rosto vermelho, pernas herculeas, e todos os attributos exteriores; pelo menos, d'aquella raça emprehendedora, que não poucas vezes alcança a fortuna de casar com riqueza. Haverá um anno ou dous que se arranhou com uma opulenta herdeira braziliense, e acha-se agora senhor de vastas propriedades, e de uma nedia e acaçapada mulher com uma cabeça que arremeda a do Holopherne das tapeçarias antigas, e uns hombros que representam muito bem a figura de grandes pratos. Pobre creatura! Para maior certeza de que não é nenhuma Venus nem Hebe, tem beiços grossos e voz de machacaz, e notei-lhe algumas disposições para hydropica; comtudo, os seus risos são frequentes e espediçados; anda agarrada ao marido com a maior perseverança.

Mr. S... é um character singular, não accieita emprego civil ou militar, e blazona de certa franqueza mordaz, que segundo eu penso ha de desagradar muito n'este paiz, onde a independencia, quer de bens da fortuna quer de opinião, é raras vezes ou nunca tolerada. Este cavalheiro gosta da ostentação na mesa; sessenta pratos se me afigurou que seriam pelo menos, outo d'elles de fumegantes assados, além de toda a casta de guizado á franceza, á ingleza e á portugueza. A sobremeza apresentava-se como um modelo de fortificação; a principal empada-torre afouto-me a dizer que tinha tres pés de altura perpendicular. A companhia não correspondia nem no numero, nem na consideração ao esplendor do banquete. Se não tivesse ficado ao pé de mim, por felicidade, miss Sill e Bezerra eu teria morrido de enfadamento.

Uma sisuda donzella, com portentosas sobrance-lhas, e olhar que exprobrava á porção masculina da assemblea a sua desatenção, era a unica dama do paco que Mr. S... havia convidado.

Eu esperava achar-me com todo o rancho do meu conhecimento tomado no jardim botânico, e acompanhá-lo pelas vinhas e pomares d'esta casa de campo; mas ai de mim que não estava fadado para tão recreativa excursão! A tragica donzella, que me constou ter sido infeliz nas suas ternas inclinações, aproveitou-se do meu braço, e nunca o desamparou em um longo passeio pelas extensas fazendas de Mr. S... Conversamos em italiano, e dissemos aos passaros que cantavam, aos regatos que susurravam, lindissimas cousas n'uma prosa estonteada, rapsodia de trechos de operas e cantatas, do *Amintas* do Tasso, e do *Adonis* de Marini.

O sol acabava de dourar com seus ultimos raios os distantes rochedos de Cintra; o ar tornava-se balsamico; nas veredas por entre as vinhas medrava a herba viçosa, e milhares de flores reanimavam-se com o rocio da tarde. Deixando á senhora o trilho estreito que dá serventia pelo meio d'estes dominios ruraes, caminhei a seu lado por uma regueira bem guarne-cida de ortigas, acanthos, e piteiras anãs, arranhando-me e esfolando-me a cada passo. Esta penitencia, e a logração que eu sentia mais vivamente tiraram-me um tanto do meu genio jovial; pezava-me ter passado uma tarde deliciosa em tão mesquinha sociedade, e ter lacerado as minhas pernas para tão pouco resultado. Quanto eu teria gosado passeando com a joven irlandeza por estes odoríferos atalhos entre festões de folhagem vecejante e de vides pampinosas, não prezas a ramos esgalhados ou a tanchões como em França e na Suissa, mas trepando por leves can-nas a outo e a dez pés de altura!

Podeis imaginar que prezo d'azas como eu estava nenhuma inclinação sentia para prolongar um pas-

seio, que já era sobejamente estirado. Esquivei-me ao chá e ao jogo do voltarete, fiz uma grave reverencia á grave donzella, e recolhi-me a casa antes que me assaltasse completa melancolia.

CARTA VI.

CONVENTO DE BELEM. NOITE DA VESPERA
DE SANTO ANTONIO.

12 de junho de 1787.

Passamos o dia em Belem inteiramente como em reunião de familia com toda a legião dos Marialvas. Alguns reverendos padres, não sei de que commu-nidade, lhes tinham mandado uma immensa quantidade de sopa muito espessa, glutinosa e azeitada, porção da qual, segundo parece, costumam os devotos engolir na vespera da festa de Santo Antonio.

Depois de uma refeição que foi servida debaixo de um toldo estendido sobre um dos terraços, logo que o pude fazer airoosamente escapuli-me da roda dos fidalgos e senhoras, dos anões, frades, bobos, toureiros, e capellães, para visitar o próximo mosteiro. Subi os grandes lanços construidos a expensas da infanta D. Catharina, rainha viuva de Carlos II, e tendo percorrido os claustros de D. Manuel examinei a livraria, que está longe de achar-se na melhor ordem e accio.

Os espaçosos e altos claustros apresentam uma notavel extensão de arcadas, que posto que não sejam do mais puro estylo attrahem a vista pelos seus ornatos d'arabescos delicadamente lavrados, e pela phantastica côr arruivada da pedra. O dormitório, para o qual tem serventia uma linha quasi interminavel de cellas, mede em comprimento 500 pés folgados. Cada janella tem seu commodo descanso, onde os monges se encostam á vontade e desfructam a vista do rio.

N'uma pequena e escura casa de thesouro, que por uma escada de caracol communica com a parte do edificio que a tradição designa como habitação do rei D. Manuel, quando em certas epochas religiosas do anno se retirava a este recinto, mostraram-me á luz de velas algumas alfaias extremamente curiosas, e em especial uma custodia feita em 1506 do mais puro ouro de Quiloa; não ha cousa mais bella como specimen do bem trabalhado labor gothico do que esta complicada peça esmaltada e com mui leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.

D'este sombrio recanto fui conduzido á igreja, uma das maiores de Portugal, vasta, magestosa e phantastica como o interior do templo de Jerusalem, segundo o tenho visto representado n'algumas antigas biblias allemãs. Comtudo, pouco havia nos altares ou monumentos digno de miuda investigação.

Já era escuro quando saí da grande portada, e achei o terreiro em frente alumado com a luz coruscante de um renque de fogueiras á beira do Tejo. A custo alcancei a minha carruagem sem ser chamuscado por buscapés e bombas, e desejei ver-me fóra no momento em que entrara, por quanto estourou um foguete mesmo debaixo dos focinhos dos meus machos, que os espantou terrivelmente.

Se por milagre me não acalentasse Santo Antonio esperava não pregar olho em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das lavaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das boxinas em louvor da festa d'amanhã, 555.º anniversario do me-

moravel dia em que o santo querido de Lisboa passou em placido transito aos gosos do paraizo; vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas e até das barracas d'esta populosa capital, collocada em altar e adereçada com profusão de velas de cera e de flores.

(Continúa.)

O VOADOR.

PART II.

V.

Dez annos depois da maravilhosa evasão do padre Bartholomeu, reputado n'esse tempo magico e feiticeiro pelo povo e pela inquisição, ouvia-se a voz eloquente do inventor dos aerostatos prégando os dogmas da religião christã, do alto da cadeira da verdade, nos principaes templos de Lisboa, e até na real capella!... Em dez annos tudo esquece, ou parece esquecer. Durante esse longo periodo conseguira Alexandre de Gusmão acaimar successivamente todos os inimigos de Bartholomeu. Mesmo das côrtes estrangeiras, por onde andava em serviço d'el-rei, preparava o fino diplomata a reabilitação do sabio ecclesiastico, e o seu regresso á patria. O proprio chefe da Igreja catholica escreveu á inquisição de Lisboa, exigindo o perdão do Voador... mas perdoar não é esquecer, como dizia Luiz XIV, e a inquisição nunca esquecia. Entretanto consentiu na volta do padre a Lisboa, e deixou-o exercitar o seu sagrado ministerio, com a condição, porém, de não tornar a subir aos ares. D. João V mesmo, a pedido de Alexandre de Gusmão, se encarregou de amaciar o Camões do Rocio, e disse-lhe um dia:

— Lembra-te de uma celebre anedocta, que concluiu por me provares que el-rei não manda de telhas acima?

— Perfeitamente, meu senhor.

— Pois torna a ter applicação. Como o padre Bartholomeu Lourenço já não tem quem o accuse pelo crime de rapto, pois que o pae de Marianna foi pleitear a sua causa para o tribunal de Deus, nós lhe perdoaremos a offensa que te fez; e o perigo em que te collocou, porque tudo isso se passou além dos telhados.

O Camões riu-se contra vontade da esperteza d'el-rei, e tambem fingiu que esquecia.

Em 1719 foi Bartholomeu chamado ao reino, nomeado fidalgo capellão da casa real, e começou a fazer-se celebre como orador sagrado. Muitos dos seus sermões acham-se impressos, bem como um engenhoso opusculo, escripto por elle em portuguez e em latim, que tem por titulo: — *Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua*. Quando, no seguinte anno, se instituiu a academia real de historia portugueza, foi elle nomeado socio effectivo, e de seus trabalhos academicos se acha noticia nas respectivas *Memorias*, correspondentes ao anno de 1723.

Parecia pois que uma velhice socegada aguardava o douto varão... mas não succedeu assim. Novos trabalhos se lhe apparelhavam em Lisboa, quando menos devia receial-os!

Antes, porém, de encetarmos este ultimo episodio da historia do Voador, cumpre recuar até ao mez de agosto de 1709, e buscar no mar e na terra a celebre passarola, que vimos esconder-se por detraz dos severos cabeços da Arrabida.

A noute surprehendeu os aerios viajantes já para

além da atmosphaera da patria. Ao amanhecer do dia 10, tendo-se aproximado mais da terra, Bartholomeu e Marianna enxergaram os minaretes da Alhambra; mas a violencia do vento não lhes consentiu que baixassem sobre a senhoril Granada. Passando a montanha das Alpuxarras, as aguas do Mediterraneo lhes appareceram, reflectindo o azul do céu, apenas aqui e ali sombreadas pelas velas de diversos navios, que pareciam aves maritimas, olhadas d'aquella altura. O Voador, que não tinha o menor desejo de ir parar a Argel, onde perderia a amante e a propria liberdade, resolveu-se a descer sobre as vagas, contando com o soccorro da primeira embarcação que o avistasse. Expulsando successivamente o gaz, fez declinar o balão a pouco e pouco, e chegou sem accidente á superficie do Mediterraneo. Como previra, um bote destacou logo em seu auxilio, da embarcação que mais perto se achava, e os aeronautas foram recebidos a bordo de uma galé da ordem de S. João de Jerusalem, que os conduziu á ilha de Malta. Era então gran-chancellor da ordem e chefe da lingua de Castella e Portugal o celebre D. Antonio Manuel de Vilhena, o qual recebeu cordealmente os seus infelizes conterraneos; porém estes occultaram-lhe, por prudencia, o verdadeiro motivo da sua viagem, e o sexo de Marianna. Bartholomeu deu conta do seu invento ao nobre cavalleiro, e accrescentou que fazendo uma experiencia aerostatica em Lisboa, fôra o balão impellido pelo vento com tal força que viera cair no Mediterraneo.

A nova machina e o seu artifice foi por muitos dias o objecto da conversação entre os cavalleiros de Malta, porém um successo de mais interesse para a ordem, veio depois fazer esquecer o balão e os aeronautas. Era um corsario argelino, carregado de immensa riqueza, que vinha de ser aprisionado e conduzido a Valetta.

Entre os captivos d'esta embarcação vinham duas mulatas, escravas de um portuguez que morrera prisioneiro em Argel; as pobres mulheres, passando de senhor para senhor, tinham chegado ao poder do capitão do corsario. Livres agora pelo esforço dos cavalleiros do Hospital, Aurelia e Thomazia encontraram um protector no padre Bartholomeu, que as chamou para si, com o consentimento do grão-mestre. As duas pardas tinham nascido na villa, hoje cidade, de Santos, no Brazil, onde igualmente tivera o berço o nosso Voador, e usavam do appellido de Salema, que era o do seu primeiro dono. Com o producto do trabalho d'estas mulheres, e o pouco dinheiro que adquiria, dando lições de mathematica aos mancebos que pretendiam servir sob o pendão da ordem, o padre Bartholomeu vivia em socego n'uma pequena casa da cidade velha, onde nada faltava á boa Marianna, e aonde elle mesmo se julgaria feliz, se houvesse bem duradouro para este homem, a quem a desgraça não cansava de perseguir!

Uma das pardas, Thomazia, confessára ingenuamente ao seu protector que, dentro em poucos mezes, seria mãe; resultado da violencia que com ella usára o corsario, morto mais tarde no combate com os maltezes; e como o periodo annunciado pela mulata coincidia aproximadamente com uma semelhante declaração de Marianna, o Voador resolveu-se a confiar ás Salemas o seu segredo, e Thomazia encarregou-se de assumir igualmente o titulo de mãe para com o futuro filho de Marianna.

Com intervallo de poucos dias de uma á outra, nasceram duas meninas, ambas formosas, mas de diversa belleza. Rosalia, a filha de Bartholomeu, era bran-

ca de neve, tinha cabellos louros, olhos do mais puro azul celeste; Isabel, a filha do corsario, era trigueira, dardejava raios das negras pupillas, e veio a ter graciosos cabellos castanhos, naturalmente annelados. Porém Marianna não chegou a gosar das docuras da maternidade; abriu-se-lhe a sepultura junto ao berço da filhinha.

Bartholomeu Lourenço ficou inconsolavel, e não podendo supportar a vista d'aquelle logar, onde recebera tão duro golpe, decidiu-se a abandonar Malta, e ir viajar pela Europa. Como possuía uma pequena casa e quinta na villa d'Alcacer do Sal, cedeu essa propriedade ás Salemas, que partiram para Lisboa na primeira oportunidade, acompanhadas das duas meninas.

Os ares da Hespanha não convinham ao padre Gusmão. Era preciso fugir do santo officio. Dirigiu-se pois a Inglaterra, e d'ahi a França, onde encontrou seu irmão Alexandre, como secretario da embaixada, em 1714. Desde essa data começaram as diligencias para ser novamente admittido em Portugal o sabio Voador, o que a final se conseguiu passados cinco annos.

Bem recebido em Lisboa, como dissemos, o inventor do aerostato não fallou mais de machinas nem de experiencias, para não avivar a memoria da sua milagrosa hegira. Vivia tranquillamente na corte, d'onde saía apenas algumas vezes para cruzar o Tejo, e ir até Alcacer examinar as suas propriedades; visitava de caminho as Salemas, e não se esquecia de abraçar a sua afilhada, a graciosa Rosalia.

O que, porém, Bartholomeu ignorava era que a sua reputação de magico e feiticeiro passára para as mulatas, a ponto de já se ter fallado entre o povo de Alcacer em lançar fogo á sua habitação. Diziam que aquella menina tão branca, a quem Thomazia chamava filha, fôra de certo roubada no berço pelas bruxas maldictas; e comparando-a com Isabel, acrescentavam: Está um anjo e um demonio entre as mesmas paredes... que obras de iniquidade se não farão ali!

De feito, as Salemas assás instruidas pelas sabias lições de Gusmão, fallavam muitas vezes em astronomia, explicando o movimento dos astros e os nomes das diversas constellações; davam acertados conselhos sobre a cultura das terras; curavam varias doenças melhor do que os medicos; e parece que, em fim, tentaram metter-se a adivinhar... pelo menos muita gente as ia consultar em segredo, e a horas mortas da noite.

Estavam as cousas n'este estado, quando Rosalia, que ainda não completára quinze annos de idade, se resolveu a entrar n'um convento, preparando-se para ser freira. Bartholomeu não se oppoz áquella resolução, e transportando-se a Alcacer, estabeleceram por alguns dias a sua residencia em casa das Salemas, para tratar elle proprio dos necessarios arranjos para a admissão da noviça. O leitor vae ver no seguinte e ultimo capitulo d'esta historia, como se originou d'este innocente passo a grande catastrophe que fez baquear o Voador.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

TELEGRAPHOS.

Já no anno de 1839 (1) se deu n'este semanario uma breve idéa da descoberta, então mui recente.

(1) Panorama, tom. 3.º n.º 133.

do telegrapho electrico. Mas o telegrapho, que então descrevemos, representava a arte na sua infancia. Além de serem muitos os aperfeiçoamentos, que se têm feito a este instrumento, são ainda muito mais numerosos os serviços sociaes, a que elle se tem applicado. Nos primeiros annos d'esta descoberta ninguém previu a fecundidade das suas applicações.

Decretado ha poucos dias em Portugal o estabelecimento d'este admiravel meio de comunicação, a lei será brevemente, segundo devemos crer, convertida em facto. Não nos parece, pois, fóra de proposito continuar hoje em uma serie de artigos as informações, que o Panorama começou a dar aos seus leitores em 1839. Insistiremos menos no que toca á descripção technica do telegrapho, em que pouco nos deteremos, e sómente como ponto de mera curiosidade, do que na enumeração das vantagens, que o publico e os particulares podem tirar da sua introdução. Estas vantagens dependem em grande parte da natureza dos regulamentos administrativos, que dirigem o serviço dos telegraphos. É um meio de transmissão, que não só abrange toda a esphera dos interesses economicos, mas que pôde estender-se a interesses de outra ordem, e ampliar-se ás transacções mais communs e mais íntimas da sociedade. Por isso, segundo a acção administrativa for influida d'um espirito ou de liberalidade, ou de desconfiança e restricção, assim será maior ou menor a utilidade da telegraphia electrica. Esta verdade sobresaírá da comparação ou differença dos systemas, que n'este ponto seguem as nações mais adiantadas.

Precederemos d'uma succinta introdução sobre a origem, mechanismo, e propagação do telegrapho aereo, cuja insufficiencia conduziu á descoberta do electrico, este trabalho, que é compilado dos escriptos e noticias mais recentes na materia.

Claudio Chappe era filho de um dos administradores dos bens da corôa em Ruão, e sobrinho do padre Chappe de Auteroche, que a sua devoção á sciencia tornou celebre, e que, enviado pela academia das sciencias aos desertos da California para observar a passagem de Venus sobre o disco do sol, pereceu lá victima do clima d'esses paizes. Claudio Chappe tinha nascido em Brulon, no departamento da Sarthe. Filho segundo de uma familia numerosa ordenou-se. Tinha obtido em Bagnolet, junto a Provins, um beneficio muito rendoso, que lhe fornecia meios de se entregar á sua vocação para as indagações da physica. Na idade de 20 annos, fazia já parte da sociedade philomatica, que n'essa epocha começava a tomar muita importancia.

Embargou-o nos seus trabalhos a revolução franceza. Perdeu o seu beneficio, e voltou para Brulon para o scio da sua familia, onde tornou a ajuntar-se com quatro irmãos seus, tres dos quaes acabavam tambem de perder os seus empregos. N'estas circunstancias veio-lhe á idéa aproveitar-se de alguns ensaios, que remontavam aos primeiros annos da sua vida, esperando poder tirar partido, em interesse da sua familia, de uma especie de divertimento, que lhe tinha proporcionado distracções na mocidade.

O padre Chappe tinha sido educado n'um seminario perto de Angers, em quanto seus irmãos eram alumnos internos n'uma casa de educação a meia legua do seminario. Para divertir as tristezas da separação e da solidão tinha imaginado uma maneira de corresponder-se com elles. Uma regua de pau, girando sobre um eixo, e sustentando nas extremidades duas reguas moveis metade mais pequenas, era o in-

strumento, que lhe tinha servido para trocar alguns pensamentos com seus irmãos. Obtinham-se pelas diversas posições d'estas reguas 192 signaes, que era facil distinguir com um oculo de ver ao longe. Claudio Chappe pensou, que se poderia tirar um certo partido d'estes signaes, applicando-os em escala extensa ás relações do governo com as villas e cidades do interior e da fronteira. Propoz portanto a seus irmãos aperfeiçoar este meio de correspondencia, e offerecel-o depois ao governo. Fez adoptar o plano á sua familia, e decidiu os irmãos a ajudal-o nas suas indagações.

O systema das reguas moveis, que tinha funcionado excellentemente, quando se tratava só de uma correspondencia entre dous pontos, topou com difficuldades invenciveis, quando se quiz multiplicar as estações. O inventor renunciou portanto a esta combinação para ensaiar a electricidade. Nos seus trabalhos de physica tinha-se occupado o padre Chappe principalmente da electricidade, e este agente parecia satisfazer tão bem a todas as condições do problema telegraphico, que por si mesmos se recommendavam ensaios d'esta natureza. Mas as despesas, que elles occasionavam, cresceram tanto que foi necessario a Chappe vender todos os instrumentos do seu gabinete de physica, ao passo que, por outro lado, estas tentativas, executadas necessariamente com a electricidade estatica, não podiam produzir nenhum resultado vantajoso.

Foi então que Chappe assentou definitivamente em servir-se de um corpo opaco, isolado na atmosphera, e que, pela sua appareição e desapareição successiva, indicava o instante preciso, em que se havia de marcar a cifra designada por dous pendulos collocados nas duas estações, e perfeitamente concordes entre si. Por este meio foi possível entabolar uma correspondencia regular, e com grande promptidão, a tres leguas de distancia. Estes resultados foram perfeitamente verificados por experiencias especiaes, cujo auto ainda existe, experiencias executadas na presença dos officiaes municipaes, e dos notaveis do sitio, no solar de Brûlon.

Munido d'este auto veio o padre Chappe a París por fins de 1791, e, depois de bastantes difficuldades e passos, obteve licença para levantar um dos seus telegraphos no pequeno pavilhão da esquerda da barreira da Estrella. Auxiliavam-no dous de seus irmãos n'estas experiencias, que davam os melhores resultados. Mas uma noute invadiram o pavilhão e roubaram o telegrapho muitos homens mascarados.

Esta desapareição mysteriosa da sua machina, que nunca foi bem explicada, desanimou os inventores, e esfriou-lhes o zêlo. Teriam provavelmente renunciado para sempre á sua empreza a não ser um acontecimento, que veio restituir-lhes um raio de esperanza. O mais velho dos irmãos Chappe foi nomeado membro da assembléa legislativa pelo departamento da Sarthe. Contando com o credito do novo deputado, o padre Chappe voltou a París, e obteve auctorisação para estabelecer outro telegrapho na bella tapada, que Lepelletier de Saint-Fargeau possuia em Menilmontant. Este novo aparelho consistia n'um grande quadro de fórma rectangular, que apresentava muitas superficies de côres differentes, e cujo eixo girava de sorte, que essas superficies appareciam e desapareciam á vontade. Não era ainda, como se vê, o telegrapho actual: todavia é a disposição, que serviu de modelo ao telegrapho acrio, que ainda agora está em uso na Inglaterra e na Suecia.

Os irmãos Chappe trabalhavam com ardor em aperfeiçoar e regularisar o jogo d'este instrumento, quando uma manhã, no momento, em que entravam na tapada, viram correr para elles o jardineiro todo espantado, gritando-lhes que fugissem. É que o povo se tinha inquietado com o jogo perpetuo d'aquelles signaes: vira n'elles o que quer que fosse de machinação suspeita, suspeitara uma correspondencia secreta com o rei e os outros prezos do Templo, puzera fogo á machina, e ameaçava-lançar tambem os machinistas nas chammas. Os irmãos Chappe retiraram-se consternados.

Comtudo Claudio Chappe não se deixou abater. Quiz proseguir até o fim uma descoberta, cujo primeiro pensamento lhe pertencia. Pela terceira vez pediu auctorisação para estabelecer á sua custa novas machinas, e obteve-a graças ao credito de seu irmão deputado. Dispoz portanto tres postos, um dos quaes foi collocado em Menilmontant, o outro em Ecouen, aldeia a cinco leguas de París, e o terceiro em Saint-Martin-du-Tertre, a quatro leguas d'Ecouen. N'esta epocha é que foram assentadas entre os irmãos Chappe as disposições e combinações do telegrapho actual. Pela primeira vez se puzeram então em pratica o mechanismo das tres reguas moveis, e o vocabulario que se refere a estes signaes.

Logo que os empregados do telegrapho se acharam convenientemente exercitados em todas as manobras da linha, requereu o inventor ao governo um exame publico do seu aparelho. Decorreu um anno sem resposta ao requerimento. N'outros tempos teria talvez sido indefinido este retardamento, e o projecto de Chappe sepultado nas papeleiras de um ministerio, seria talvez esquecido para sempre. Mas n'uma epocha, em que muitos exercitos, dispersos sobre diversos pontos do territorio, tinham necessidade de poder communicar livre e rapidamente entre si, um agente de correspondencia precioso a tantos respeito devia chamar a attenção dos depositarios da auctoridade publica. Um deputado, chamado Romme, que tinha algumas noções das sciencias, descobriu a exposição de Chappe nos archivos da commissão de instrucção publica. Abalado pela lucidez d'esse trabalho, e comprehendendo a sua importancia, assignalou-o á commissão com elogios. Nomeado relator do projecto, subiu Romme á tribuna em 4 de abril de 1793 com a memoria de Chappe na mão, e obteve da convenção que se consagrasse ao ensaio d'esse systema telegraphico uma somma de 6:000 francos.

As experiencias fizeram-se aos 12 de julho seguinte. Daunou e Lakanal, commissarios da convenção, estavam presentes com Abraham Chappe em Saint-Martin, um dos postos extremos; Arbogast e outros deputados achavam-se com o padre Chappe em Menilmontant. As experiencias duraram tres dias. Transmittiram-se a distancia de 7 leguas todos os despachos com precisão e promptidão extraordinaria. De volta a París os commissarios fizeram á convenção um relatorio, que determinou a assembléa a ordenar sem detença o estabelecimento de uma linha telegraphica. O padre Chappe foi encarregado de organizar essa primeira linha; e a convenção julgou que devia por essa occasião honral-o com o titulo, pouco euphonico, de *engenheiro telegrapho*.

Duraram mais d'um anno os trabalhos para a construcção d'essa linha, que foi inaugurada pelo annuncio de uma victoria. Na sessão de 30 de novembro de 1794 trouxe Carnot á convenção a nova, expedida pelo telegrapho, da tomada de Condé aos aus-

triacos. No mesmo instante romperam os applausos em todos os bancos da assembléa. A convenção transmittiu immediatamente esta resposta: « O exercito do norte bem-mereceu da patria. » Enviou ao mesmo tempo um decreto, mudando o nome de Condé no de *Nord-Libre*. Despacho, resposta, e decreto foram transmittidos com tal promptidão, que os inimigos creram que a propria convenção celebrava as suas sessões no meio do exercito.

Em 1798 construiu-se a linha de Strasburgo. Em 1799 começou o directorio a linha do meio-dia, que parou em Dijon, e não foi posta immediatamente em actividade. Em 1805 decretou Napoleão a linha de Paris a Milão. A de Lyão a Toulon foi construida no tempo da restauração. Todas estas linhas foram organisadas pelos irmãos Chappe.

O padre Chappe morreu no tempo do imperio. Apoz um jantar de sabios, em que os convivas se tinham animado um tanto, deixou-se cair n'um poço, que não tinha enxergado. Teve o fim do astrologo da fabula, com o qual não deixou de ter alguma parecença durante a vida. Quando se entra no cemiterio de leste (Paris) divisa-se em um canto retirado um monumento mui simples, que por todo emblema contém um telegrapho de fundição: é o jazigo do padre Chappe. Os homens não levantaram outro monumento á sua memoria; mas bastará este na sua simplicidade eloquente para recordar o nome do sabio laborioso e modesto, cuja vida não deixou de ter influencia nos destinos contemporaneos.

(Continúa.)

O. M.

BIBLIOGRAPHIA.

O QUADRO DE ENEAS, CARTA, PELO SR. ANTONIO MANUEL DA FONSECA.

Recommendâmos a leitura d'este opusculo do sr. Fonseca, dirigido a todos os redactores da imprensa periodica portugueza, e contendo a resposta que aquelle nosso, aliás distinctissimo, pintor, dá ás accusações e críticas que lhe têm sido dirigidas acerca do seu grande quadro de Eneas. É este interessante trabalho ornado de duas gravuras em cobre.

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1856.

Recebemos este curioso livrinho, que recommendâmos com o maior prazer, porque temos a convicção de que tão interessante obra cada vez se vae tornando mais digna, assim dos conhecimentos e illustração do seu auctor o sr. dr. Alexandre Magno de Castilho, como do fim a que se destina.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

AGOSTO 11

1829 — Batalha da villa da Praia da Victoria, entre as tropas do sr. D. Miguel, e as forças constitucionaes commandadas pelo sr. duque da Terceira, então conde de Villa Flor.

12

1762 — Tomada da Havana pelos inglezes.

13

1849 — Conclusão da guerra da Hungria.

1447 — Morte de Visconti, duque de Milão.

1521 — Tomada do Mexico por Fernando Cortez.

14

1844 — Os francezes commandados pelo marechal Bugeaud derrotam os marroquinos em Isly.

15

1185 — Tomada de Thessalonica pelos sicilianos.

1648 — Tomada da cidade de S. Paulo de Loanda aos hollandezes.

1449 — Instituição da santa casa da misericordia de Lisboa.

16

1717 — Os imperiaes desbaratam os turcos em frente de Belgrado.

1812 — Batalha de Smolensko.

17

1789 — Morte de Frederico II o Grande, rei da Prussia.

18

1572 — Casamento de Henrique IV com Margarida de Valois.

19

1772 — É promulgada uma nova constituição por Gustavo III de Suecia.

20

1400 — Deposição do imperador Venceslau pelos principes do Imperio.

21

1600 — Tomada de Chambéry por Henrique IV.

1831 — Malograda soblevação do regimento de infantaria n.º 4 em Lisboa, a favor da carta constitucional.

22

1791 — Terrivel insurreição dos negros na ilha de S. Domingos.

23

1791 — Fallece em Paris a condessa de Lamothe, que deu origem ao processo do collar da Rainha, assumpto de um dos romances de Alexandre Dumas.

24

409 — Tomada de Roma por Alarico.

1471 — Expugnação e tomada da cidade de Arzilla em Africa por D. Affonso V.

25

1580 — D. Antonio, prior do Crato, pretendente ao throno de Portugal é desbaratado pelos hespanhoes, no sitio de Alcantara, cerca de Lisboa.

26

1635 — Fallece em Madrid o famoso poeta Lope de Vega, o qual assevera-se ter composto mais de 1800 peças de theatro.

27

1793 — Os inglezes occupam Toulon em França.

28

1810 — Tomada de Almeida pelo general Massena.

29

1315 — Uguccione faz levantar o sitio de Florença.

30

1483 — Morte de Luiz XI de França.

1595 — Absolvição plena concedida pelo papa a Henrique IV.

31

1535 — Tomada de Azamor na Barbaria pelos portuguezes.

1839 — Convenção de Vergara, entre o general Espartero, hoje duque de Victoria, e o general Maroto, esta convenção poz termo á guerra da successão em Hespanha.